

JUVENTUDES UNIVERSITÁRIAS EM CENA: imagem, dissenso e política¹

UNIVERSITY YOUTH IN THE SCENE: image, dissent, and politics

Daniela Abreu Matos ²

Resumo: Este artigo propõe um estudo da dimensão política das imagens (Rancière, 2021) a partir de narrativas audiovisuais que colocam em cena diferentes experiências das juventudes nas universidades, a partir da implementação da Lei de Cotas no Brasil. Inserido no contexto da ampliação do ensino superior e da crescente diversidade do corpo discente, o percurso investigativo compreende esse novo cenário como um campo de disputas simbólicas e epistemológicas. O estudo empírico é realizado tendo como centralidade a produção audiovisual “As Cotas – o Filme”, lançado pela UNE- União Nacional do Estudantes, e busca compreender a sua capacidade de abrir espaços diante do continuum, interrompendo composições espaço-temporais marcadas pela linearidade e controle na aparição dos sujeitos. O percurso analítico está amparado no diálogo com o método da igualdade proposto por Rancière (1996, 2009, 2021).

Palavras-Chave: Juventudes Universitárias. Imagem. Política.

Abstract: This article proposes a study of the political dimension of images (Rancière, 2021) based on audiovisual narratives that stage different experiences of young people in universities, following the implementation of the “Lei de Cotas” in Brazil. Within the context of the expansion of higher education and the growing diversity of the student body, the investigative approach understands this new scenario as a field of symbolic and epistemological disputes. The empirical study focuses on the audiovisual production “As Cotas – o Filme” (Quotas – The Film), released by UNE – União Nacional dos Estudantes (National Union of Students), and seeks to understand its capacity to open spaces within the continuum, interrupting spatio-temporal compositions marked by linearity and control in the appearance of subjects. The analytical approach is based on a dialogue with the method of equality proposed by Rancière (1996, 2009, 2021).

Keywords: University Youth. Image. Politics.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Processos Comunicacionais, Infâncias e Juventudes. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Doutora em Comunicação Social/UFGM, daniela.matos@ufrb.edu.br

1. Introdução

As primeiras décadas do século XXI, marcam um processo de expansão do ensino superior no Brasil. Tanto a oferta de vagas nas redes privadas quanto nas redes públicas se ampliou, acompanhadas do ingresso de públicos diversos. No âmbito do sistema federal de ensino, o Plano de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior - REUNI, a partir de 2003, provocou a ampliação das IFES existentes e a criação de novas instituições de ensino superior. Na primeira fase do REUNI, período entre 2003 e 2011, o número de municípios brasileiros atendidos pelas Universidades Federais passou de 114 para 237. Já o número de Universidades, nesse mesmo período, aumentou de 45 para 59 Instituições (MEC/2015). Hoje, em 2025, a rede federal de ensino superior é formada por 69 Universidades Federais, 41 institutos federais/Cefets e 11 faculdades, uma ligada ao MEC (INES) e 10 vinculadas a outros órgãos (ENCE, ITA, IME, ISCP, EsEFEx, CIAvEx, Facs, EsSLog, ESA, ESCFD), além de 1 Centro Universitário (AMAN) (INEP, 2025).

Esse processo de expansão e crescimento tem resultados importantes, embora ainda distantes de uma perspectiva de efetiva democratização do acesso e inclusão das juventudes brasileiras ao ensino superior, como demonstram os dados da TAFEL desagregados por cor ou raça e rendimento familiar per capita, abaixo mencionados.

[...] um jovem de cor ou raça branca tem, aproximadamente, duas vezes mais chances de frequentar ou já ter concluído o Ensino Superior que um jovem de cor ou raça preta ou parda – 35,7% contra 18,9% [...]. Apenas 7,6% dos jovens pertencentes ao quinto da população de menor rendimento domiciliar per capita frequentavam ou já haviam completado o nível superior, em 2019, uma proporção oito vezes inferior à verificada entre os jovens do quinto da população de maior renda (61,5%) (IBGE, 2020, p. 92-93).

Em dados mais recentes, divulgados pelo Censo do Ensino Superior/2024(INEP, 2025), verificamos que 43% dos estudantes concluintes do ensino médio, autodeclarados brancos, ingressaram no ensino superior, esse índice cai para 26% entre os estudantes autodeclarados pardos e 16% dos estudantes autodeclarados pretos. O que, embora sem recorte de renda, demonstra ainda uma expressiva diferença, se considerado a questão racial, no que diz respeito à continuidade dos estudos.

Por outro lado, percebemos que as mudanças implementadas nas últimas duas décadas, principalmente a combinação da expansão da rede federal de ensino com a

implementação da Lei de Cotas, em 2012, foram capazes de contribuir para a configuração de novas realidades e provocar fissuras nas estruturas hegemônicas que tradicionalmente constituem as Universidades públicas brasileiras.

Nossos achados apontaram que, em linhas gerais, a participação de ingressantes oriundos do ensino médio público aumentou de 55,4% para 63,6% entre 2012 e 2016, com substanciais acréscimos para estudantes pretos, pardos e indígenas. Esses incrementos aconteceram para a maioria absoluta das instituições, em particular para aquelas mais seletivas e que partiam de patamares de inclusão social mais baixos (Senkevics e Melo, 2019, p. 205).

Dados sistematizados em diversas pesquisas (Campos e Lima, 2025, Matos et al, 2023, Carvalhaes et al, 2022; LEPES/Ação Educativa, 2022; Reis, 2020, Senkevics e Mello, 2019) indicam que já há uma mudança significativa na composição racial e social dessas Universidades. Senkevics e Melo (2019) ao discutirem essas mudanças no perfil discente após a Lei de Cotas afirmam que os grupos mais impactados pela política de cotas são estudantes pretos, pardos e indígenas oriundos da rede pública de ensino básico. Assim, as evidências confirmam uma mudança bastante perceptível no dia a dia das Universidades Públicas: a diversificação de seus estudantes e a pluralização de experiências e trajetórias acadêmicas.

Esse novo contingente de estudantes começou a influenciar outras dimensões da vida acadêmica, do espaço da sala de aula, passando aos processos coletivos de politização da estética e da identidade racial. Em muitas universidades brasileiras temos visto o surgimento de grupos e coletivos que contribuem para a permanência simbólica de estudantes e para a formulação de críticas ao caráter por vezes elitista e eurocêntrico dos currículos dos cursos de graduação das universidades (Carvalhaes et. al, 2022, s/p)

Diante desse contexto em movência, ratificamos a percepção do espaço acadêmico hoje como um ambiente em tensão e ajustes, de inclusão e recusas, de conquistas e retrocessos³, em síntese, de disputas. O mais recente movimento nesse sentido foi disparado pela ação do Governador Jorginho Melo (PL-SC) ao sancionar a lei 19722/2026, aprovada pela Assembleia Estadual, que proíbe cotas raciais em universidades públicas, privadas e comunitárias que recebem verbas do governo estadual. Poucos dias após essa ação do poder executivo, no dia 27/01, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) suspendeu a referida lei, em decisão liminar, e no dia 29/01/29, o procurador-geral da

³ Para detalhamento do caso ver intensa cobertura jornalística: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2026-01/justica-de-sc-suspende-lei-que-proibiu-cotas-raciais-nas-universidades>, <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2026/01/30/governo-de-sc-justifica-stf-maior-populacao-branca-defesa-cotas-raciais.ghtml>, <https://open.spotify.com/episode/6f40b0c04530WXwisMhVx7?si=a93794beb70f4a9c>

República enviou ao Supremo Tribunal Federal (STF) parecer para garantir a suspensão da Lei 19.722 de 2026. Nesse contexto, a lei também está sendo contestada em uma Ação Direta de Inconstitucionalidade apresentada pelo PSOL, pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela Educafro.

Diante desse contexto, compreendemos que são necessárias reflexões complexas e comprometidas com a reconfiguração desse espaço de modo que seja cada vez mais fértil, vivo, pulsante e diverso. Em artigo anterior, propomos, em parceria com colegas, uma possibilidade de traçar esse caminho no sentido de,

[...] avançar na discussão sobre transformações necessárias na concepção da Universidade enquanto espaço de produção de saber, de modo que seja capaz de produzir um espaço de acolhimento aos corpos, sensibilidades e saberes até então alijados dessa experiência institucional, a partir da consolidação da Lei de Cotas, apontando suas potencialidades, bem com a necessidade de aprofundamento das ações afirmativas em termos históricos, institucionais e epistêmicos (Silva Júnior, et al, 2023, p. 159/160).

Nesse sentido, buscamos dar continuidade ao esforço de observar e compreender os diversos movimentos de disputa pelo espaço acadêmico que vem sendo realizados por diferentes sujeitos políticos, desde os próprios estudantes - na vivência cotidiana, na atuação político-acadêmica, na produção de materiais expressivos produzidos em disciplinas, projetos de pesquisa e extensão - até atores coletivos como movimentos sociais, organizações da sociedade civil, entidades estudantis coletivas, veículos de mídia etc. Desse modo, a pesquisa aqui apresentada está interessada em identificar, analisar e articular narrativas audiovisuais que encenam diferentes modos de estar e fazer o/no espaço universitário a partir da implementação da Lei de Cotas⁴ no Brasil e está sintetizada na seguinte pergunta-problema: como narrativas audiovisuais podem contribuir para instaurar cenas de dissenso e reorganizar sensibilidades políticas?

Para organização do corpus empírico mapeamos produções audiovisuais – excluindo materiais de cunho jornalístico – que colocam em cena diferentes vivências no espaço universitário brasileiro a partir da implementação de políticas afirmativas de ingresso e permanência no ensino superior. Tomamos como condicionante que as produções tivessem sido lançadas entre 2012 (ano de promulgação da Lei de Cotas) e 2025, ano de início da referida pesquisa e que tivessem sido realizadas por estudantes, nos contextos das próprias

⁴ Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.

Acesso em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12711.Htm

universidades a partir de grupos/projetos de ensino, pesquisa e extensão, ou atores coletivos de atuação estudantil como é o caso da UNE – União Nacional do Estudantes.

Desse modo, o conjunto contempla 9 produções, realizadas em 8 diferentes Instituições Federais de Ensino (Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Campinas, Instituto Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Minas Gerais) além da UNE. Esse conjunto se configura, na nossa compreensão, como uma cena capaz de expressar a dimensão coletiva da reconfiguração do espaço universitário a partir das experiências singulares apresentadas nas imagens em movimento. Contudo, no presente artigo, optamos por concentrar o exercício analítico em um dos nós dessa rede, o audiovisual intitulado “As Cotas - o filme” com direção de Fábio Bardella e Guilherme Martins, produzido pela UNE.

A escolha dá continuidade a exercícios anteriores (Silva e Matos, 2024; Martins e Matos, 2024), em que analisamos produções específicas para articular as vidas vividas nas imagens com as experiências fora da tela, numa relação de ir e vir entre as produções expressivas e as lutas políticas que elas encenam. Acreditamos que o foco em alguns “nós” será fundamental para o movimento analítico a ser realizada em uma próxima etapa de pesquisa de articulação e compreensão da potência política da cena audiovisual em questão. A opção também se justifica pelo interesse em aprofundar o debate sobre a dimensão política das imagens, a partir de autores como Rancière (2021), Calderón (2021), Marques (2014, 2023a), Hussak (2012) e experimentar a noção de “cena de dissenso” elaborada por Jacques Rancière (1996, 2021) a partir da perspectiva do método da igualdade (Rancière, 2009; Marques e Prado, 2018).

Desse modo, além dessa breve introdução que situa contextualmente as disputas contemporâneas no/pelo espaço acadêmico, apresentamos a seguir um aprofundamento conceitual que discute a dimensão política das imagens e a configuração da cena de aparecimento dos sujeitos a partir de um movimento emancipatório e dissensual. Em seguida, temos um exercício interpretativo do filme “As Cotas”, a partir das premissas anteriormente apresentadas. Por fim, as nossas considerações finais que sistematizam os achados ao explicitarem uma dimensão dupla da força política das imagens aqui analisadas.

2. Imagens políticas

Ao refletir sobre a dimensão política das imagens, Jacques Rancière insiste que sua proposição não está articulada ao que as imagens mostram visualmente e sim ao modo como são capazes de questionar a organização hegemônica do visível, abrindo intervalos para o aparecer de sujeitos e cenas não previstas. Desse modo, ele nos propõe romper com qualquer perspectiva que coloca a imagem em um lugar de passividade. “As imagens não são passivas. Elas trabalham para transformar a visibilidade dos seres e das coisas: o modo como são visíveis, mas também as próprias formas da visibilidade” (Rancière, 2021, p. 9). Nesse modo de compreender, as imagens são relações que se estabelecem entre a forma visual e o mundo comum numa perspectiva de mútua afetação e seu funcionamento não pode ser predeterminado à sua existência em ato.

Essa perspectiva do “trabalho das imagens” é discutida por Andréa Calderón (2021) que sistematiza duas contribuições centrais do autor: tratar as imagens em termos de dispositivo e não como entidades e compreendê-las a partir do seu funcionamento, dos movimentos de conexão e desconexão que são capazes de disparar. Desse modo, passamos a compreender que a politicidade das imagens estaria na sua capacidade de abrir espaços diante do continuum que se apresenta, interrompendo composições espaço-temporais marcadas pela linearidade e controle na aparição dos sujeitos. Para a autora “[...] o trabalho das imagens concerne à capacidade de certas imagens para produzir desacordos, para criar desentendimentos que fraturam o sensível, que quebram uma relação estabelecida; em suma, tal trabalho é um ato de sabotagem. Uma imaginação política que modifica o sentido do comum” (Calderon, 2021, p. 33).

Em torno desse debate, Pedro Hussak (2012) ao também comentar sobre a politicidade da imagem - assim como a politicidade da arte - é bastante enfático ao ressaltar que quando um artista está preocupado primordialmente em “passar uma mensagem” acaba por desconsiderar a complexa relação com o espectador porque supõe que o conteúdo ou, no caso da imagem, a visualidade seria suficiente para provocar mudanças na organização do sensível. Essa prática acaba por reproduzir o que Rancière (2005) identifica como “regime

representativo” no qual o princípio da imitação e reprodução do real definem hierarquias quanto ao que, como e para quem servem as expressões artísticas.

A arte é política quando produz um dissenso entre a produção artística e fins sociais definidos. Para Rancière, tal dissenso não é a controvérsia de ideias, mas o conflito entre vários regimes sensoriais. A política da arte é, portanto, a atividade que reconfigura os quadros sensíveis no seio do qual se dispõem os objetos comuns, rompendo com a evidência de uma "ordem natural" que define os modos de fazer, os modos de dizer e os modos de visibilidade (Hussak, 2012, p.103)

Nessa reconfiguração instaurada pela cena de dissenso há um movimento que é ao mesmo tempo resultado e motor da sua existência, o aparecimento do sujeito político, gesto que desencadeia uma ruptura com a ordem até então figurada. Segundo Ângela Marques (2014), esse “aparecer” origina dois movimentos simultâneos e complementares: o olhar mesmo para modos dessa “aparência” e o tipo de transformação que esse aparecer suscita em quem observa a cena. É nesse duplo movimento que se instaura o processo de subjetivação, que nessa forma de pensamento, se entende como uma ação de disputa entre as identidades nomeadas pela partilha policial e aquelas que emergem a partir da nova distribuição de papéis instaurada pela tomada de palavra do sujeito ao se colocar na cena polêmica.

Dito de outro modo, a subjetivação política diz respeito a desidentificações: a rupturas com uma ordem discursiva que oferece a cada pessoa seu lugar na ordem das coisas, um lugar atrelado à uma identidade. A subjetivação política não é o “reconhecimento de” ou o gesto de “assumir uma identidade”, mas o desligamento com essa identidade, a produção de um hiato entre a identidade da ordem vigente e uma nova subjetividade política (MARQUES, 2011) (Marques, 2014, pag. 80).

Diante dessa compreensão, estamos interessadas em identificar movimentos de ação política, no sentido utilizado por Rancière (1996, 2005), que promovem “cenas de dissenso” ao incluir novos sujeitos, produzir outros imaginários e disputar sentidos dados hegemonicamente a partir de imagens audiovisuais. Imagens que são capazes de interromper a “partilha policial” do sensível, que é aquela na qual a distribuição das partes é pré-definida hierarquicamente, e instaurar a “partilha política” do sensível, com a qual operam-se transformações no regime de visibilidade hegemônico desestabilizando a “palavra soberana” (Rancière, 1995, p. 08). Para o autor, esses movimentos políticos, quando imbuídos de um regime estético e não de um regime representacional, são capazes de instituir um comum que desafia a ordem “policial” e abre espaços até então não previstos.

O teórico indiano Homi Bhabha (2003), ao discutir sobre processos de subjetivação e ação política em contextos pós-coloniais, também apresenta uma densa reflexão sobre como a temporalidade indeterminada do intervalar cria condições pelas quais “o novo entra no mundo” (p.312). Para ele, o sujeito que vive a experiência de habitar o espaço do “entre” é capaz de elaborar um modo de olhar e intervir que reflete sua condição de “estrangeiro familiar”, condição que confere uma força disruptiva possível porque articula espaços e tempos diferentes, essa condição liminar constitui, portanto, potência de transformação.

Assim, estamos interessadas em mapear e analisar imagens que entram na disputa pela desestabilização da cena universitária brasileira e promovem uma ambiência audiovisual que embaralha temporalidades ao inscrever presenças não previstas, transformando passados e abrindo futuros outros. Imagens que ocupam brechas, que provocam deslocamentos e se constituem a partir de uma “natureza intervalar”. Sobre essa dimensão, Marques (2021, pág.70) em diálogo com Rancière, afirma que “o intervalo emancipa o olhar da necessidade do encadeamento causal que conduz a um fim esperado, criando o “entre” como um movimento incessante de aproximação e distanciamento, mas não necessariamente linear”.

Desse modo, compreendemos que o movimento de produzir conhecimento a partir de um espaço intervalar está assentado em uma possibilidade criativa que permite a imaginação não apenas de novas respostas, mas, significativamente, de novas perguntas que são capazes de desorganizar autoridades e discursos hegemônicos e propor lugares fora da ordem predefinida. Nesse sentido, nosso caminho investigativo busca produzir articulações e agenciamentos que explicitem e questionem as lógicas centrais de distribuição de poder e vislumbrem outros arranjos a partir da conformação de “cenas polêmicas”.

A montagem desse percurso está amparada no diálogo com o método da igualdade proposto por Rancière (1996,2009,2021) e já amplamente discutidos no campo de pesquisas em Comunicação no Brasil por Marques (2021, 2022, 2023), Marques e Prado (2018 e 2023). De modo sintético, esse método é a busca de um modo de agir anti-hierárquico diante das experiências – que dão formas às diversas narrativas colocadas em disponibilidade – vividas e partilhadas pelos sujeitos comuns. Esse gesto pode ser compreendido enquanto uma “bricolagem” (Marques e Prado, 2018; Altheman, 2024) ao supor uma prática de reenquadramento dos dados, arquivos, proferimentos, ações que não supõe a lógica causal

como único princípio ordenador e, portanto, abre espaço para a diferentes formas de insurgências ao buscar a horizontalidade das relações.

Rancière inaugura uma prática de construção de cenas polêmicas, recorrendo à eleição e descrição factual de gestos e micro-acontecimentos singulares e, através desses, busca uma operação que reordene a rede de significações referenciada das cenas singulares a partir da lógica da partilha do sensível. Assim, esse autor reconfigura uma posição subjetiva, intencionando através dessa exposição dispor os elementos da rede de significação de forma a criar temporalidades e espacialidades nas quais os sujeitos que até então não apareciam na cena, possam ter vozes, lugares e posições (Marques e Prado, 2018, p.29)

Desse modo, nossa investigação volta-se para a cena dissensual construída pelas imagens que colocam a Universidade enquanto lócus em disputa. Assim, o espaço acadêmico pode ser reconfigurado, ou mesmo re-imaginado, como um campo por se habitar, por se fazer viver e por suscitar outros olhares, fazendo emergir diferentes sujeitos e outras formas de produzir conhecimento e partilhar não hierarquicamente, tanto o espaço universitário, quanto os saberes aí produzidos.

3. As cotas abrem portas



Fig. 1 – Frame inicial de “As Cotas – Filme”
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg>

O produto audiovisual aqui discutido “As Cotas – o filme” é construído em diálogo com a composição original de Chico César e Carlos Renno de mesmo nome, com duração de 8:09 min, foi lançado pela União Nacional dos Estudantes – UNE no seu canal oficial

na plataforma YouTube no dia 29 de agosto de 2022⁵. A data de lançamento marca o aniversário dos 10 anos da Lei de Cotas e o material é descrito no canal como um “Manifesto audiovisual que celebra os dez anos de implementação das Cotas no Brasil e reafirma a importância dessa política como direito”. Tendo como mote central o refrão “As cotas abrem portas”, o filme contou muitos intérpretes entre artistas e lideranças, tais como: Célia Xakriabá, Chico César, Djuna Tikuna, Edvan Fulni-ô, Fabiana Cozza, Flor Gil, Gilsons (Francisco Gil, João Gil, José Gil), Iara Rennó, José Miguel Wisnik, Leci Brandão, Leticia Sabatella, Martnália, Mc Soffia, Moreno Veloso, Monkeyjhayam, Owerá, Teresa Cristina e Vitão. Jovens lideranças estudantis também participaram, com destaque para Bruna Brelaz, Gabriel Vako, Jade Beatriz, Rozana Barroso, Samela Satére mawé, Tamires Sampaio e Tel Guajajara, além de grupos artísticos e movimentos sociais como o Grupo de Capoeira Dragão do Mar, a União Nacional dos Estudantes, a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, a União Paulistas dos Estudantes Secundaristas, a União Brasileira de Mulheres e a UNEAFRO⁶

Após os 15 segundos iniciais em que as palavras de ordem “as cotas abrem portas” são entoadas coletivamente e as imagens evidenciam uma cena de manifestação coletiva (fig.1) – com punhos cerrados, faixas e palavras de ordem – a câmera desliza ao entrar no prédio de contornos coloniais e quase silenciosamente encontra um corpo que dança, sob um tecido esvoaçante, que faz um primeiro grande movimento de abrir as portas desse suntuoso salão. O corpo dançarino produz movimentos fluidos e leves que contrastam com a rigidez do espaço no qual se encontra, formado por um tapete vermelho, grandes janelas, portas e vitrais coloridos (fig. 2 e fig. 3). É perceptível também o jogo de luz e sombra que caracteriza essa imagem. Um espaço fechado e a necessidade de deixar o que está de fora entrar. Luz, som, cores, barulhos. Percebemos que esses 45 segundos iniciais do filme buscam produzir um movimento visual de tensionamento na medida que aquele corpo que ao dançar “parece estar no lugar errado” desorganiza um espaço-tempo apaziguado, sem dobras.

Compreendemos que é justamente nessa desencaixe que essas imagens funcionam como abertura que nos convidam a ocupar o espaço do “livre jogo” a partir de um

⁵ <https://www.une.org.br/noticias/une-lanca-manifesto-audiovisual-a-favor-das-cotas-nesta-segunda-feira-29-8>

⁶ A ficha técnica completa pode ser consultada em: <https://www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg>

exercício fabulador ali convocado. Desse modo, são capazes de interromper a “partilha policial”, que é aquela na qual a distribuição das partes é pré-definida hierarquicamente, e instaurar a “partilha política” do sensível, com a qual operam-se transformações no regime de visibilidade hegemônico.



Fig. 2 – Frame de “As Cotas – Filme”
Fonte: www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg



Fig. 3 – Frame de “As Cotas – Filme”
Fonte: www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg

Ainda nesse momento inicial do filme, destacamos duas imagens que corroboram com uma ação de retomada de símbolos nacionais, em um movimento de alteração da topografia do imaginável, pensável e dizível, como nos alerta Rancière (2005). Uma jovem negra de camiseta vermelha, na qual afirma sua identidade amazônida, senta-se ao centro de uma imponente mesa de madeira com cadeiras de estilo neogótico, caracterizadas por encosto alto e laterais pontiagudas. Na história das universidades esse mobiliário está ligado ao conceito de professor catedrático – *cathedra* vem do latim e significa cadeira – aquele que detém um conhecimento especializado e superior aos demais. São peças criadas e mantidas para simbolizar hierarquia e assimetrias de conhecimento. Condição que acreditamos ser borrada pela imagem do filme (fig.4).

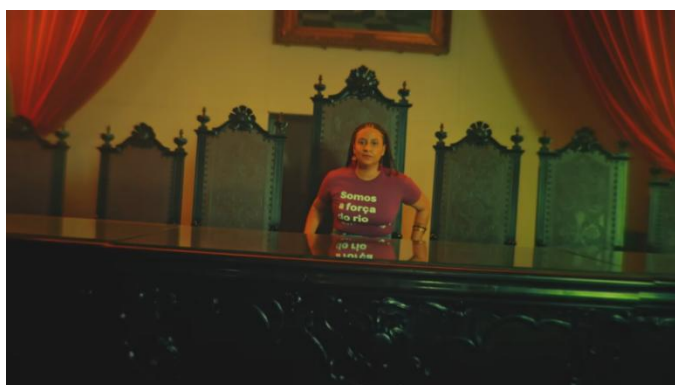


Fig. 4 – Frame de “As Cotas – Filme”
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg>

Na sequência, a câmera se movimenta durante alguns segundos pelo salão e podemos ver várias pinturas clássicas, quadros grandes e com molduras douradas, em um deles é possível identificar o retrato de um homem em pé trajando uma beca, tipo de vestimenta de origem europeia usada principalmente em ritos acadêmicos solenes, como marca de distinção e, mais uma vez, de assimetrias entre sujeitos e conhecimentos. Contudo, essa imagem é desafiada pelo jovem indígena que está a sua frente, fitando-a com seu cocar, arco e flecha em punho (fig.5). Aqui há uma disputa, uma ação de retomada, a instauração de um outro regime de visibilidade possível que não estava previsto, mas está acontecendo. “A potência política de uma imagem é aquela que produz, a partir de seus próprios meios expressivos, uma recombinação de signos capaz de desestabilizar as evidências dos registros discursivos dominantes” (Marques, 2014, pag.70)



Fig. 5 – Frame de “As Cotas – Filme”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg>

Muitos corpos negros, indígenas, amazônidas, lgbtqiapn+, dançam, cantam e ocupam diversos espaços, entre salões, anfiteatros, escadas e varandas. Ao longo do “Manifesto” vemos rappers, capoeiristas, indígenas dançando, cantando, performando, celebrando, ocupando as salas e as imagens do produto audiovisual. Percebemos, com o filme, a montagem de um mosaico de saberes (fig.6), marcado pela diversidade de origens: ancestral, contemporânea, comunitária, rural, urbana etc. Um conjunto que dá forma a um espaço universitário pluriépistêmico, no lugar de uma formação mono-epistêmica como se configuram tradicionalmente as Universidades (Carvalho, 2023). Esses diferentes saberes que se expressam de maneiras também diversas – pela voz, pelo corpo, pelas práticas –

conformam uma “cena de aparecimento”, nos termos de Rancière, de sujeitos até então não contados que, ao tomarem a palavra, expõe a fratura e multiplicam as camadas espaço-temporais.



Fig. 6 – Mosaico de saberes em cena
Fonte: As Cotas – o filme

Desse modo, em diálogo com Rancière (1996, 2005), postulamos que são imagens que empreendem uma ação política ao promoverem “cenas de dissenso”, capazes de produzir outros imaginários e disputar sentidos dados hegemonicamente. “O dissenso é o fato de criar um mundo sensível diferente dentro de um mundo sensível existente” (2021, p.94).

Ao longo do filme, também somos apresentadas a lampejos biográficos de alguns estudantes que, nas suas especificidades, representam um corpo coletivo: os novos universitários/as, jovens estudantes que ingressaram nas universidades brasileiras após a

implementação da política de cotas e contribuem para uma significativa mudança no perfil sociorracial e econômico desse grupo. A construção da imagem de cada uma/um delas/es é significativa, cada história contada contribui para a aparição de um outro “rosto” na topografia do novo possível. Seguindo o diálogo que Marques (2014) apresenta a partir de Rancière e Agamben, “A imagem pode conferir rosto a um indivíduo, tornando-o sujeito a nossos olhos, e, por isso, por permitir sua aparência, faz emergir o lugar da política” (pag.75). Embora saliente que rosto, nessa acepção, não se confunde com face, mas trata-se de uma “metáfora para dizer da constituição do sujeito político, daquele que aparece no espaço coletivo de exposição, argumentação e negociação” (pag. 75).

Nessa articulação temos Bruna Brelaz que “acreditou em um Brasil possível” a partir das margens do rio Amazonas, Tel Guajajara que “entendeu que a ancestralidade transforma” e traz marcado no corpo e nos seus movimentos o saber dos povos originários, Tamires Sampaio “que provou que ali é seu lugar” e num gesto político antirracista exhibe orgulhosamente seu diploma vestida de beca, Jade Beatriz que “quer radicalizar o acesso à Universidade” trazendo a cultura das ruas e das periferias para dentro, Gabriel Vako que “cresceu ouvindo que não era para ele” mas está ali sentando numa sala de aula, Samela Sateré Mawé que é “fruto da luta das que vieram antes” e afirma o lugar da mulher indígena na produção do conhecimento e Rozana Barroso que “foi a primeira e não será a última” ao abrir portas e comportas que não serão facilmente fechadas.

Embora o reconhecimento de suas biografias e a sua condição de sujeitos políticos seja de fundamental importância, compreendemos também a impactante dimensão política que emerge no entrelaçamento dessas histórias, a partir da montagem de uma cena coletiva (fig.7) em que as singularidades não são atomizadas e sim que funcionam como passagens e aberturas para as demais, ampliando o mundo comum a ser partilhado. Desse modo, o filme, ao mesmo tempo, constitui uma cena de aparecimento desses sujeitos dotados de rostos, de voz e palavra na sua singularidade e reafirma uma luta coletiva pela pluralidade de sujeitos, corpos e saberes nas universidades que desafia a ordem consensual, até então estabelecida, e cria um outro comum a ser partilhado. A cena montada a seguir colabora nessa construção.



Fig 7. – Universitárias/os em cena
Fonte: As Cotas – o filme

4. Considerações Finais

Assim, entre rostos, movimentos corporais, histórias, canções e palavras de ordem, consideramos que o filme promove uma ambiência audiovisual que embaralha temporalidades ao inscrever presenças não previstas, transformando passados e abrindo futuros outros. Produz imagens que ocupam brechas e provocam um “livre jogo” entre elas e seus espectadores, são capazes de articular narrativas de resistência e reimaginação do espaço acadêmico, cruzando experiências individuais e coletivas que desafiam a lógica eurocêntrica de produção de conhecimento. “Sob esse aspecto, uma imagem é política quando deixam entrever as operações que influenciam na interpretação daquilo que vemos,

ou seja, a potência política está tanto nas imagens (materialidade sígnica) quanto nas relações e operações que as definem. (Marques, 2014, p.69).

Nesse sentido, compreendemos que as relações instauradas pela existência e circulação das imagens aqui analisadas abrem uma dupla dimensão no que diz respeito à sua incidência no social. São imagens que dão visibilidade a processos de subjetivação encarnados por jovens estudantes universitários que se disponibilizaram a uma dinâmica de desidentificação de modo a subverter a ordem pré-definida que diz quem deve fazer parte de uma universidade, ou de outro modo, desafiaram o consenso de que não pertenciam àquele lugar. Com isso, são criadas zonas de aberturas e conexões com outros/as tanto/as jovens que ainda não se vêem nesse espaço, ou mesmo com aqueles que estão experimentando os difíceis embates entre as lógicas institucionais e suas presenças no espaço acadêmico. E, também, são imagens que em seu conjunto explicitam uma dimensão coletiva da questão apresentada, fazendo ver um “dano” que ao ser nomeado pode passar a ser objeto de reconstrução. Colocando assim, o desafio da transformação das universidades, e, portanto, do nosso modelo de produção de conhecimento, como uma questão a ser enfrentada coletivamente.

Desse modo, ao voltarmos para a pergunta disparadora da reflexão aqui sistematizada, que buscou refletir sobre como as narrativas audiovisuais podem contribuir para a instauração do dissenso e da reorganização das sensibilidades políticas, propomos compreender que a busca deve ser pela politicidade das imagens, pela sua capacidade de contribuição para o aparecimento dos sujeitos políticos ao tempo em que instaura uma cena polêmica, na acepção de Rancière (2021), na qual as formas de distribuição hierárquica dos lugares e posições no mundo são questionadas e outra ordem pode emergir.

Referências

- ALTHEMAN, Francine. Cenas, fabulações e bricolagens: uma aposta teórico-metodológica descolonizadora para pesquisas em Comunicação. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 462-486, set./dez. 2024
- BHABHA, Homi. O Local da Cultura.
- CALDERÓN, Andrea Soto. Introdução In: RANCIÈRE, Jacques. **O Trabalho das imagens – conversações com Andrea Soto Calderon**. Tradução: Angela Marques. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.
- CAMPOS, Luiz Augusto e LIMA, Márcia (orgs.) O impacto das cotas: duas décadas de ação afirmativa no ensino superior. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2025.
- CARVALHAES et al. A Lei de Cotas dez anos após sua promulgação. **QuatroCincoUm - A revista dos Livros**. maio/2022. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/desigualdades/a-lei-de-cotas-dez-anos-apos-sua-promulgacao/>
- CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.
- HUSSAK, Pedro. Rancière: A política das imagens. **Princípios- Revista de Filosofia**. Natal (RN), v. 19, n. 32 Julho/Dezembro de 2012, p. 95-107
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2020. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2020. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior, 2024. Brasília: INEP, 2025.
- LEPES/UFRJ; Ação Educativa. **Avaliação das Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior no Brasil: Resultados e desafios** (Resumo Executivo). Rio de Janeiro: 2022.
- MARQUES, Ângela. Montar a cena pela escrita intervalar e pelo aparecimento emancipatório: o método estético político de Jacques Rancière, **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 154, abr./2023, p. 213-245
- MARQUES, Ângela. O método da cena em Jacques Rancière: dissenso, desierarqui-zação e desarranjo. **Galáxia** (São Paulo). Publicação Contínua. v. 47, 2022, pp.1-21.
- MARQUES, Â. Apresentação da versão em português. In: RANCIÈRE, Jacques. **O método da cena**. Entrevista a Adnen Jdey. Belo Horizonte (MG): Quixote Do, 2021.
- MARQUES, Ângela. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.10, n.17, p.61-86, jul./dez. 2014
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PRADO, Marco. Aurélio. Reconfigurar a topografia da experiência: Elementos do método da igualdade de Jacques Rancière em uma cena montada por Pedro Costa. **REVISTA TEMPO, ESPAÇO E LINGUAGEM**, v. 14, p. 306-331, 2023.
- MARQUES, Ângela e PRADO, Marco Aurélio. O método da igualdade em Jacques Rancière: entre a política da experiência e a poética do conhecimento. **Revista Mídia e Cotidiano**. Volume 12, Número 3, dezembro de 2018
- MARTINS, Bárbara e MATOS, Daniela. Encruzilhadas em cena: vozes e corpos que abrem caminhos em uma experiência audiovisual. **Anais do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Univali** – 5 a 6/9/2024.
- MATOS et al. (Orgs.). **Juventudes universitárias: ingresso e permanência em perspectiva**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2023.

RANCIÈRE, Jacques e JDEY, Adnen. **O método da cena**. Tradução: Ângela Marques. 1ed- Belo Horizonte, MG: Quixote Do, 2021a

RANCIÈRE, Jacques. **O Trabalho das imagens – conversações com Andrea Soto Calderon**. Tradução: Angela Marques. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021b

RANCIÈRE, J. The method of equality: an answer to some questions. In: ROCKHILL, Gabriel; WATTS, Philip (eds.). **Jacques Rancière: History, Politics, Aesthetics**. Durham and London: Duke University Press, 2009, p.273-288.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento. Política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. São Paulo: Editora 34, 1995.

REIS, Dyane. Trajetórias negras importam: Histórias de nordestinas(os) egressas(os) de políticas de cotas raciais no ensino superior público brasileiro (2003-2018). **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 7, p. 28-41, 2020.

SENKEVICS, Adriano e MELLO, Ursula. O Perfil discente das Universidades Federais mudou pós-lei de cotas?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.49, n.172, 2019.

SILVA JÚNIOR, et al. Dez anos da “Lei de Cotas” no Brasil: da diversidade racial e étnica à diversidade epistêmica. In: FONSECA et al. (Org.) **Temporalidades e espacialidades nos processos comunicacionais** [livro eletrônico], Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2023

SILVA, Tais Lima e Matos, Daniela. Narrativas de si e a mise-en-scène de memórias coletivas na universidade. **COMUN. MÍDIA CONSUMO**, SÃO PAULO, V. 21, N. 62 P. 439-461, set./dez. 2024

FILMOGRAFIA

As Cotas – Filme

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OBjDDV8S2qg>